

Floresta plantada não é roça de árvores

Plantation forests are not agricultural crops

Plantaciones forestales non son roçadura de árboles

As florestas são as fontes da principal matéria-prima que a natureza ofertou aos papeleiros: as fibras. Fibras são resultados da fotossíntese realizada por árvores bastante performantes no nosso País, usando recursos naturais: água, luz solar, gás carbônico, sais minerais.

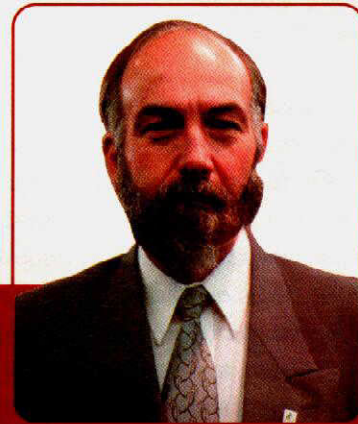
O papeleiro gostaria de ter a fibra universal, que servisse para todos os seus propósitos, ao mais baixo custo. Por esta, entre outras razões, a madeira deixou de ser uma dádiva da floresta para ser um insumo, em que o menor custo possível é a exigência. É claro, que há uma preocupação quanto à futura disponibilidade de fibras no planeta. A própria FAO - Food and Agriculture Organization, recém concluiu um trabalho sobre avaliação global da oferta e demanda de madeira para fins industriais no planeta (*Global Fiber Supply Study*). Esse trabalho mostrou que apesar de algumas vezes debatidas e contestadas por grupos ambientalistas, as plantações representam não mais que 119 milhões de hectares no planeta, dos quais apenas 57,5% são para fins industriais.

No Brasil, a preocupação com a floresta tem migrado rapidamente de uma preocupação estritamente econômica, para uma preocupação ambiental e também social. Para isso, colaboraram decisivamente as iniciativas de sustentabilidade florestal e de certificação florestal das florestas e dos produtos madeireiros, a partir de 1993. Hoje, a certificação de florestas plantadas já está se consagrando no País, havendo diversas empresas do setor de celulose e pa-

pel e de madeiras para produtos sólidos já certificadas. Sendo a madeira obtida de florestas plantadas, chamamos essas florestas de recursos naturais renováveis. Outros chegaram a chamar de fazendas de fibras (*fiber farms*), algo muito apegado à antiga revolução verde, que pregava a industrialização da agricultura como uma linha de produção ou montagem, com altas agregações de insumos químicos, como adubos, herbicidas, inseticidas, etc. A grande preocupação econômica é decorrente do fato que o que se gasta hoje para plantar, cultivar e manter só frutificará alguns anos adiante, no momento da colheita.

Com as taxas de juros praticadas no País, a tendência é a madeira encarecer por essa e outras razões. Há muita iniciativa da Sociedade Brasileira de Silvicultura - SBS, representando diversos setores de base florestal, para obter apoio governamental ao plantio de árvores, o que já está acontecendo com o lançamento do Programa Nacional de Florestas. A meta pode ser, entre outras, a obtenção de taxas de juros diferenciadas para atividades de longa maturação, como florestas. Como o produto madeira, principalmente a de eucalipto, ainda tem um preço de venda baixo na árvore em pé, a floresta plantada tem oferecido taxas de retorno não muito atrativas, o que acaba direcionando o investidor rural a colocar seu dinheiro em outras atividades mais lucrativas e com menores prazo e risco.

A atividade florestal tem sido focada com intensidade pelas organizações não-governamentais e pela mídia internaci-



Por Celso Foelkel

onal. Essas pressões são mais fortes no Canadá, Austrália, USA, mas também ocorrem no Brasil. Nosso empresário precisa estar atento e pró-ativo e evitar deteriorar a imagem do setor florestal. Pelo contrário, há que se fazer um grande esforço para que a sociedade veja a atividade de florestas plantadas como algo nobre para o homem e para o meio ambiente. São inúmeros os benefícios que as plantações florestais oferecem à sociedade, entre os quais, a própria preservação das matas naturais, pelo uso das madeiras das plantações para produtos industriais, lenha, postes, construções de baixo custo, etc. Além disso, a atividade florestal pode ser alta geradora de empregos e postos de trabalho na área rural, inclusive pela oportunidade que oferece, tanto nas operações florestais, como na utilização dos chamados resíduos florestais para lenha. E por falar em resíduos, como eles ainda são abundantes na atividade florestal? A indústria mundial com base florestal, até por ter tido sempre à disposição o enorme legado florestal natural por muitos anos, acostumou-se a ser desperdiçadora de madeira e fibras. As serrarias, as laminadoras, a indústria de papel e celulose, as fábricas de painéis, todas perdem grandes quantidades de fibras, resíduos na forma de galhos e árvores finas, cepas altas, serragem, nós, lascas, resíduos do processamento industrial, etc. Um esforço para implementar uma produção mais

Celso Foelkel - Presidente da ABTCP e docente da Universidade Federal de Santa Maria-RS. E-mail: foelkel@pro.via-rs.com.br

eco-eficiente pode aumentar em 5% a 10% a disponibilidade de madeira e fibras, sem que novas áreas sejam plantadas. Fábricas de papel e celulose perdem com a menor sensibilidade cerca de 1% a 2% de fibras em seus efluentes e depois pagam para dispô-las e tratá-las como lodo, em aterros sanitários.

Tenho colocado muito esforço e trabalho sobre o tema de produção eco-eficiente e manejo florestal, visando à sustentabilidade florestal. Por isso, argumento ser uma injustiça querer chamar e tratar a floresta plantada como cultura agrícola, como se fosse uma roça de soja, arroz, milho ou uma pastagem. Ela pode ser, pelo contrário, uma rede dinâmica e bem planejada, incorporando o homem, os remanescentes de mata nativa, as matas ciliares, as áreas agrícolas e de pastagem, etc. Isso é muito mais que roça ou cultivo agrícola. Mas para ser esse notável ecossistema, não basta só plantar eucalipto, pinus ou acácia. Temos de saber planejar, ajudar a natureza a desenvolver esse ecossistema orquestrado por nós e por ela.

Não podemos esquecer também que o homem do campo não é só mão-de-obra. Os reflexos sociais da atividade florestal são enormes. Mecanizar fortemente a atividade florestal trará graves conseqüências sociais, com conseqüências imprevisíveis. Um único *harvester*, quando adquirido para substituir o trabalho manual, pode deixar mais de 25 homens desempregados e mais de 100 pessoas desamparadas, considerando seus dependentes. Será correto esse modelo, só porque é praticado em outros países com muito menor população carente de emprego? Será que o fomento do plantio de florestas ao pequeno agricultor não ajudaria na minimização desse problema? Ainda mais que ele pode fazer isso quando tiver ociosidade de terras e na atividade agrícola sazonal de sua propriedade!

Um exemplo que merece ser visto

aconteceu no Estado do Rio Grande do Sul, por iniciativa da cooperativa agrícola Cotrel, em Erechim. Essa cooperativa é uma das maiores do País, com cerca de 20 mil associados. O tamanho médio de cada propriedade rural está entre 15 e 20 hectares. O agricultor planta trigo, milho, alcachofra, pêssego e cria suínos. A cooperativa passou a incentivar que os agricultores plantassem também eucaliptos e pinus. Essa orientação visava a disponibilizar madeira para o proprietário rural e uma nova fonte de renda para ele. A cooperativa investiu em um viveiro para produção de mudas com a qualidade exigida. Cada agricultor passou a plantar,

“Fábricas de papel e celulose perdem com a menor sensibilidade cerca de 1% a 2% de fibras em seus efluentes e depois pagam para dispô-las e tratá-las como lodo, em aterros sanitários”

com seus próprios recursos, cerca de 2 a 3 hectares, em terras marginais. A muda era vendida a um preço favorecido aos associados. Os agricultores, recebendo orientação para manejar os pequenos bosques, visando à madeira para fins nobres (painéis, laminados, madeira serrada), começaram a aprender sobre desrama, desbaste, adubação florestal, etc. Retiram madeira por desbaste para suas necessidades na propriedade e vendem o excedente. Enquanto isso, enobrecem e acariciam as árvores remanescentes para renda futura mais gorda. Para não decepcioná-los no longo prazo, a Cotrel fez uma parceria com

a Embrapa/CNPF, para desenvolver e adequar serras móveis para processamento de madeira no momento adequado. A potencialidade na região é de 100 mil hectares, considerando que existem 40 mil propriedades rurais totais nos 50 municípios que correspondem à área de atuação da cooperativa.

Exemplos assim existem muitos outros, como poderíamos citar também o polo moveleiro desenvolvido pela Klabin em Telêmaco Borba, utilizando madeiras certificadas. Esses exemplos são construídos pela iniciativa e determinação de pessoas que acreditam na solução florestal trabalhada para o sucesso no futuro. Como benefícios adicionais, tem-se a admiração das florestas plantadas pelos muitos envolvidos e a definitiva integração dos bosques com a paisagem no entorno das cidades. É o modelo que integra o homem, economia e ambiência. Forma-se uma malha interessantíssima e benéfica. O modelo agroflorestal pode ser também chamado de florestas comunitárias, já que é a comunidade que está, com seu convencimento de que é um bom negócio, investindo em plantar e em utilizar os frutos da floresta, porque acredita no resultado.

Há muitos outros modelos de agrossilvicultura. A integração desses minibusques pode ser feita como mosaicos de culturas ou como culturas intercaladas ou, finalmente, como programas de pastejo de animais (boi, ovelha, etc.) no sub-bosque. Agrossilvicultura e florestas comunitárias, além de serem ecológicamente corretas, são opções válidas para a busca do desenvolvimento sustentado. Porque não ajudar que esse modelo venha a se desenvolver ainda mais, transferindo aos agricultores rurais parte da tecnologia disponível no setor florestal das empresas líderes do setor de celulose e papel, como a propagação vegetativa de clones, o manejo mínimo, o controle biológico de pragas,

etc? Até o momento o setor tem sido um pouco indiferente a isso, mas logo chegará o momento que perceberá que quanto mais investidores tivermos plantando florestas produtivas em áreas rurais bem dispersas no ecossistema, mais consolidado ficará nosso modelo de sustentabilidade florestal, social, ambiental e econômica.

Certamente queremos florestas produtivas, fibras de baixo custo, bons rendimentos, qualidades compatíveis. Temos a evitar, porém, que o setor florestal se transforme em um departamento de compras de madeira ao menor preço. Madeira precisa ser um produto barato, todos estão cientes disso. Se o seu preço subir demais, os produtos alternativos agradecerão e ocuparão espaços. À madeira, agregamos tecnologias, energia, outros insumos e produzimos a celulose e depois o papel. Madeira é a *commodity* inicial de

um produto final comoditizado. O consumo de fibras continuará crescendo.

No Brasil, principalmente o eucalipto continuará a ser o principal protagonista. Quase não nos preocupamos com a produção e suprimento de fibras longas de pinus. É intrigante, porque o pinus é quem hoje melhor oportuniza a integração entre produtos de madeira (tábuas, blocos, laminados, painéis, esquadrias) e o uso dos resíduos para cavacos destinados à fabricação de celulose. Há um déficit doméstico no suprimento de celulose de fibra longa, e já começa a haver preocupações quanto às disponibilidades futuras de madeira de pinus. Será que não deveríamos repensar sobre isso?

O consumo de madeira de eucalipto continuará crescendo no mundo, agora por diversos setores da economia, inclusive para produtos sólidos e energia. Com certeza novas unida-

des de celulose serão instaladas no hemisfério sul e privilegiarão o eucalipto, e a demanda crescerá. Todos estão prevendo aumento nos preços da madeira por sua menor oferta no curto prazo. Sabemos que em um mercado de *commodities*, qualquer motivo pode causar distúrbios e flutuações a esse mercado. É esse tipo de risco, além de geadas, fogo, pragas e moléstias, que assusta o pequeno investidor. O dia que aprendermos a encarar a floresta plantada como um elemento natural importante e fundamental à formação de um ecossistema sadio e de uma cadeia produtiva de *clusters* madeireiros, com diversidade de produtos e produtores, estaremos próximos de uma atividade, integrando diversos segmentos e atores da sociedade com a natureza e com a economia, ou melhor, muito próximos do tão mencionado desenvolvimento sustentado. ▲

Solução em tecnologia e qualidade

É pensando em você que disponibilizamos uma linha completa de equipamentos que atendem aos mais altos padrões de qualidade exigidos pelo mercado.

Aproveitamos para apresentar um de nossos equipamentos

VÁLVULA ESFERA SÉRIE HB-M

- Para serviços de controle e bloqueio
- Condições de operação severas
- Esfera e haste em uma única peça, eliminando folgas e possibilitando operação livre de histerese
- Alta confiabilidade, desempenho e baixo custo
- Prazo de entrega reduzido
- Tamanhos: 2" a 24"
- Classes de pressão: 150 e 300 conforme ANSI B16.34.



Para válvulas de controle com características técnicas pré-definidas.

Papel e Celulose,
Plantas Químicas,
Petroquímicas e
Indústrias em geral



HITER

Rua Capitão Francisco Teixeira Nogueira, 233 - Água Branca
CEP 05037-030 - São Paulo - SP
Tel.: (11) 3611-0788 - Fax: (11) 3611-0921/3611-1711

e-mail: vendas@hiter.com.br
www.hiter.com.br

